

433 - O TRABALHO DO ENFERMEIRO EM UNIDADES DE INTERNAÇÃO DE UM HOSPITAL GERAL LOCALIZADO NA 14ª CRS DO RS

Francisco Carlos Pinto Rodrigues [\[1\]](#)

Maria Alice Dias da Silva Lima [\[2\]](#)

Resumo

INTRODUÇÃO

O objeto desta investigação é o trabalho do enfermeiro em unidades de internação de um hospital geral localizado na 14ª Coordenadoria Regional de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. A escolha dessa temática ocorreu devido a questionamentos importantes da minha vivência profissional e a realidade enfrentada nessas instituições, levando à necessidade de conhecer melhor a prática dos enfermeiros que ali atuam. Os hospitais gerais dessa região não possuem um quantitativo adequado de enfermeiros, dificultando a complementaridade das ações e sobrecarregando o trabalho tanto do enfermeiro quanto dos outros profissionais da enfermagem. Durante a ausência do enfermeiro, os auxiliares e técnicos de enfermagem servem de referência para os usuários da instituição, assumindo o processo de cuidar, tanto na realização de procedimentos de maior complexidade como no processo de tomada de decisão. O enfermeiro tem uma posição de centralidade no trabalho hospitalar. Os diferentes agentes que fazem parte desse cotidiano hospitalar também valorizam esse posicionamento assumido pelo enfermeiro e fortalece a sua importância no contexto hospitalar, tanto nos aspectos relativos a assistência ao paciente quanto na previsão das condições necessárias para a execução do trabalho dos demais agentes.

Portanto, diante dessas indagações, considerando a diversidade do trabalho do enfermeiro nesse cenário, têm-se como objetivos: conhecer as atividades realizadas pelos enfermeiros nesse contexto e verificar quais as especificidades existentes, enfatizando as condições de trabalho, a relação entre a enfermagem e os demais setores do hospital.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gustavo (2001) constatou que as atividades e responsabilidades assumidas pelos enfermeiros modificam-se conforme o cenário em que o profissional se insere. Assim, para analisar o trabalho de enfermagem deve-se levar em consideração o tamanho da instituição, a capacidade de leitos e a complexidade dos serviços prestados.

Concordo com Lima e Almeida (1999), quando afirmam que existem, nas relações de trabalho entre a equipe de enfermagem e os outros profissionais, conflitos e disputas que têm origem na forma como se estrutura o trabalho no modelo clínico vigente, em que os profissionais de saúde possuem autonomia relativa e participam indiretamente nas tomadas de decisões que influenciam no tratamento e diagnóstico dos pacientes.

Nos hospitais gerais, essa situação também é encontrada. Os profissionais têm autonomia relativa e o enfermeiro é responsável por articular o trabalho da enfermagem com os trabalhos dos diversos executores de funções especializadas, tais como psicólogo, fisioterapeuta, assistente social, nutricionista, médicos de diversas especialidades, dentre outros. Segundo Lunardi Filho (2000), esses profissionais realizam seu trabalho com relativa autonomia, pois através do seu saber e conhecimento específicos participam de forma atuante no planejamento da assistência ao paciente.

Durante a prática de enfermagem faz-se importante ressaltar o trabalho em equipe, enfatizando os diferentes saberes envolvidos no planejamento da terapêutica dos pacientes. Nos hospitais, o enfermeiro organiza, coordena e administra as atividades dos outros trabalhadores da equipe de saúde em relação ao atendimento ao paciente. Nesse sentido, Gustavo (2001) e Lima (1998) destacam que o enfermeiro é quem articula e supervisiona as atividades realizadas, tanto referentes ao pessoal de enfermagem quanto aos procedimentos de diagnóstico e tratamento. Deve-se salientar que no processo de trabalho em saúde nenhum profissional realiza as suas atividades sem interdependência. Lopes (1996) destaca que assistir (cuidar e tratar) torna-se pouco a pouco um processo de cooperação e interdependência, e a complementariedade se dá entre as disputas de espaço e imposição de interesses diversos dos diferentes segmentos profissionais no seio da organização hospitalar. É, portanto, a dimensão coletiva do processo terapêutico que se consolida. Compartilho com Lima e Almeida (1999), quando mostram que essa interdependência acontece tanto entre diversas categorias profissionais quanto em uma mesma categoria.

Nos hospitais gerais, tem-se observado que os enfermeiros assumem inúmeras e diversificadas atividades, sendo responsáveis por diversos setores da instituição, dentre os quais podemos citar: centro cirúrgico, ambulatório, centro de material, centro obstétrico, berçário, unidades de internação, pediatria. Por outro

lado, observa-se que os profissionais de enfermagem têm que buscar cada vez mais o seu espaço e reconhecimento junto à administração, evidenciando a necessidade da contratação de mais enfermeiros, visto que são responsáveis pelo cuidado das pessoas que buscam atendimento no hospital.

A forma com que se organiza o trabalho nos hospitais gerais repete a divisão social e técnica do trabalho, os agentes se organizam de acordo com a formação profissional de cada um. O enfermeiro desenvolve atividades que exigem um conhecimento teórico mais abrangente e o técnico e auxiliar de enfermagem são os responsáveis pela execução de técnicas e tarefas mais manuais.

Uma das principais maneiras de visualizar essa realidade é a forma de distribuição dos profissionais na equipe de saúde. A enfermagem, como parte integrante desse tipo de instituição e com o aumento da complexidade de suas atividades, apresenta características da divisão social e técnica do trabalho: o enfermeiro, o auxiliar de enfermagem e o técnico de enfermagem. Cada categoria da enfermagem executa as suas atividades, hierarquizadas pela relação existente entre o enfermeiro e os demais membros da equipe de enfermagem (auxiliares e técnicos de enfermagem). Essas características fortalecem a divisão social e técnica do trabalho, baseada na complexidade de concepção e execução do trabalho (GUSTAVO, 2001).

Lunardi Filho (2000) enfatiza que a presença e a convergência dessas características do trabalho do enfermeiro permitem que ele assuma uma posição de centralidade, tanto nos contextos organizacionais quanto assistenciais, tornando-a um elemento referência para os demais profissionais e usuários do setor em que atua. Isso é vivenciado diariamente nas instituições, pois seguidamente parece que toda e qualquer ação envolvendo a assistência ao paciente tem que ter o aval do enfermeiro.

Considerando a multiplicidade de atividades exercidas pelo enfermeiro em hospitais gerais e a sua importância no trabalho em saúde, este estudo parte dos seguintes questionamentos: Quais as condições em que o seu trabalho acontece? Como se dá à relação do enfermeiro com os outros setores? Quais as características do trabalho do enfermeiro nesse contexto?

METODOLOGIA

Caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, tipo estudo de caso. A coleta de dados deu-se através de consulta a documentos, observação livre, por amostragem de tempo, e entrevista semi-estruturada. Utilizou-se a fundamentação da perspectiva dialética para a análise dos dados. Classificou-se o material empírico em estruturas de relevância, posteriormente, reunidas em cinco grupos: a organização do trabalho do enfermeiro, a multiplicidade das atividades realizadas pelo enfermeiro e os instrumentos de trabalho utilizados, interdependência e complementaridade no trabalho da enfermagem, as condições de trabalho nas unidades de internação e a realidade sob a ótica do enfermeiro.

RESULTADOS

Constatamos que o enfermeiro destaca-se pela multiplicidade de atividades que realiza e pela capacidade de articulação do trabalho entre os diferentes setores e profissionais da equipe de saúde. Identificou-se que a implementação da assistência requer interdependência e complementaridade de diferentes saberes. Esse somatório de atividades é importante e demonstra o que o enfermeiro está fazendo nesse contexto e o como são relevantes os papéis assumidos na organização e na execução do trabalho. Os enfermeiros sabem da sua importância dentro do trabalho, podendo auxiliar tanto no redirecionamento do tratamento e da terapêutica médica, como no processo de tomada de decisão ou implementação da assistência.

As condições de trabalho oferecidas não são consideradas as ideais, mas, o enfermeiro, com improviso e criatividade, possibilita condições para execução do trabalho dos diferentes profissionais. Mesmo diante das dificuldades na execução do seu trabalho, o enfermeiro consegue dar conta das atividades e acha que os momentos de dificuldades lhe possibilitam crescimento e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de recursos é uma realidade e, mesmo assim, o enfermeiro esforça-se de todas as maneiras proporcionar aos diferentes agentes, com improviso e criatividade, as condições necessárias para execução dos diferentes trabalhos. Diante da realidade pesquisada, constatamos que a implementação da assistência requer múltiplos e diferentes saberes, e que todas as ações e condutas são imprescindíveis na terapêutica dos pacientes. No entanto, frisamos a importância que o enfermeiro assume nesse contexto e que é importante ressaltar que as características e funções assumidas pelo enfermeiro valorizam o seu trabalho, projetando novos caminhos e novas tendências para o trabalho do enfermeiro.

Referências Bibliográficas

GUSTAVO, A. da S. O trabalho do enfermeiro no âmbito hospitalar: idealização e realidade. 2001. 113 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LIMA, M. A. D. da S. O trabalho de enfermagem na produção de cuidados de saúde no modelo clínico. 1998. 216 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1998.

_____; ALMEIDA, M. C. P. O trabalho de enfermagem na produção de cuidados de saúde no modelo clínico. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 30, n. especial, p. 86-101, 1999.

LOPES, M. J. M. Poder; Interdependência e Complementaridade no Trabalho Hospitalar: uma análise a partir da enfermagem. Saúde: revista do NIPESC, Porto Alegre, v. 1, p. 43-50, 1996.

LUNARDI FILHO, W. D. O mito da subalternidade do trabalho da enfermagem à medicina. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel; Florianópolis: UFSC, 2000. 206 p.

Notas de Rodapé

[1] Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Curso de Enfermagem da Universidade Regional Integrada de Santo Ângelo/RS.

[2] Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo.

E-mail do autor: francisco@urisan.tche.br e malice@enf.ufrgs.br

Creutzberg M, Funck L, Kruse MHL, Mancia JR, organizadores. Livro-Temas do 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; Enfermagem hoje: coragem de experimentar muitos modos de ser [livro em formato eletrônico]; 2004 Out 24-29 [capturado 13 Abr de 2006]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <http://bstorm.com.br/enfermagem>. ISBN 85-87582-23-2